



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Conceição de França Rodrigues

O CARÁTER DE AURÉLIA DIANTE DAS MAZELAS SOCIAIS DO SEC. XIX.

ABAETETUBA-PA

2017

CONCEIÇÃO DE FRANÇA RODRIGUES

O CARÁTER DE AURÉLIA DIANTE DAS MAZELAS SOCIAIS DO SEC. XIX.

Artigo apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA), como requisito para obtenção de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Garibaldi Nicola Parente.

ABAETETUBA- PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696c Rodrigues, Conceição de França.
 O caráter de Aurélia diante das mazelas sociais do séc. XIX /
 Conceição de França Rodrigues. — 2017.
 14 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Esp. Garibaldi Nicola Parente
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

 1. Mulher. 2. Caráter. 3. Contexto social. 4. Século XIX. I.
 Título.

CDD 869.9

O CARÁTER DE AURÉLIA DIANTE DAS MAZELAS SOCIAIS DO SEC. XIX.

Conceição de França Rodrigues

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a obra *Senhora*, de José de Alencar ressaltando a crítica e às contradições presentes na sociedade brasileira do século XIX, por meio de sua obra romântica, a qual constrói uma personagem feminina que é educada para exercer autonomia como indivíduo, sendo assim contraditória à educação rígida das demais mulheres desse período. Neste sentido, este artigo tem a finalidade de analisar a trajetória da protagonista Aurélia Camargo e o seu caráter, através do seu comportamento diante das mazelas sócias do século XIX, a fim de identificar os hábitos, costumes e a educação das mulheres dessa sociedade. O qual demonstrar assim o predomínio do masculino sobre a vontade feminina e o fato de que às mulheres se destinava uma vida de submissão. Busca-se discutir estas relações considerando a personagem feminina e o contexto da época, o qual é moldado pelo patriarcalismo e pela educação burguesa. Procura-se articular com as temáticas do casamento, comportamento, valores e submissão o contexto da sociedade. E assim investigar até que ponto a atitude de Aurélia e seu caráter discorrem entre si, com os valores morais e sociais da época, e qual as características de mulher idealizada ela mostrar-se na obra.

Palavras-chave: Mulher; caráter; Contexto Social; século XIX.

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em fazer um estudo sobre o caráter da personagem feminina da obra *Senhora* de José de Alencar e o papel da mulher na sociedade do século XIX. Com objetivo de trabalhar a construção de Aurélia na perspectiva de analisar a influência exercida pelo meio social no qual predominava e repercutia na vida das pessoas, e assim identificar quais os aspectos que determinam o comportamento dessa figura feminina no romance. Com o propósito de apresenta as mazelas sociais desse período, além de mostrar o amor, o desejo e a conduta da mulher na figura da personagem.

A qual se destacou por ser diferente das mulheres vividas e retratadas durante esse período. Esta, por sua vez, exalta os valores locais da época, critica a busca flagrável pelo dinheiro, a censura aos costumes burgueses e mostram os conflitos de uma relação perfeita entre homem e mulher diante da sociedade, mas que no íntimo do relacionamento as estruturas conjugais, praticamente, não existem.

Nesse contexto buscar-se nesse estudo contextualizar a história da mulher na sociedade brasileira do século XIX, para poder estabelecer uma reflexão a respeito da formação e construção do caráter de Aurélia através de seu perfil de mulher, nessa época. Para assim, compreender suas características e seus traços na maneira de agir e reagir em suas

ações, através de suas atitudes e comportamentos, os quais vão determinar sua moralidade e seu caráter.

Dessa forma o trabalho vem apresentar Aurélia diante do contexto social em que a mesma está inserida, onde o autor descreve com muita sutileza uma sociedade burguesa diante de várias mazelas sócias, criticando de certa forma os valores, hábitos e costumes da sociedade do século XIX.

Onde, a personagem nos esclarece que a conduta feminina está sempre na busca do seu eu independente, está lutando para ser parte integrante da sociedade, ser reconhecida e aceita como tal, não se importando, na maioria das vezes com as críticas com regras estabelecidas, mas sim com um único ideal ocupar seu espaço.

Desse modo, o artigo buscar compreender e analisar de que maneira os aspectos sociais refletem ao caráter de Aurélia. E porque esta ficava dividida entre sofrimento e emoção, desejo de amar e vingar-se, deseja perdoar, mas é orgulhosa, mas que no final, porém o sentimento amoroso sempre permanece.

1. A SOCIEDADE DO SEC. XIX.

1.1 O papel social da mulher.

O século XIX foi marcado por grandes transformações na sociedade brasileira. Transformações culturais, de espaço urbano e rural, nas relações interpessoais. Pois durante esse período as mulheres puderam, mesmo que timidamente, começar a escolher seus caminhos ainda com grandes repercussões quando a escolha não correspondia ao que a família e a sociedade esperavam.

Dessa forma, a temática sobre a mulher pode ser abordada em diferentes aspectos tanto dentro do cotidiano familiar como no contexto social. Podendo assim apresentar a importância e as conquistas da mulher, quanto ao seu papel, principalmente na sociedade do século XIX.

Onde as mulheres desse período faziam parte de uma sociedade patriarcal ideologizada pelas classes dominantes, as quais estavam inseridas na organização familiar, onde a estrutura da mesma estava sob esses moldes do patriarcalismo, as quais se mantinham pelas normas vigentes de um contexto social fortemente marcado pela burguesia. Modificando o indivíduo na sua forma de pensar o amor, o casamento, o trabalho e os valores sociais. Neste contexto, Juliana Locatelli Pinheiro afirma:

As mulheres por muito tempo foram preparadas para o casamento ou para vida religiosa. Visando esses princípios não era concedida uma educação além do necessário para que atingissem o fim desejado. A educação visava o bom funcionamento da casa, se lhes ensinavam matemática era para saber administrar as contas domésticas, sabia o básico de leitura escrita, religião, moral, além de manusear o fio e a agulha. O saber feminino por muitos anos permaneceu incompleto, pois deveriam saber o mínimo necessário para educar seus filhos moralmente (PINHEIRO, 2009, p. 26).

O casamento para as mulheres da época era uma das únicas possibilidades de ascensão social ou, ao menos de manutenção do status familiar. O casamento garantia a conquista da identidade da mulher que passava a ser reconhecida como pertencente à sociedade e ganhava algum respeito.

Nessa sociedade patriarcal a mulher era vista como o ser de obediência e procriação. Era boa esposa e boa mãe, a qual pertencia somente ao espaço doméstico. Pois ela apresentava ser uma pessoa com grande fragilidade, com relação ao aspecto masculino, sendo assim vista como inferior aos homens.

Onde a mulher estaria sempre sujeita à passividade, à submissão, à meiguice e a aos sentimentos. A qual deveria ser sempre um exemplo a moral dos bons costumes, sendo assim negada a mulher o direito de se manifesta socialmente e até mesmo de estudar. Segundo Saulo Álvaro de Mello:

No Brasil – colônia, o homem decidia as ações. Era ele quem dominava, por meio da família patriarcal. Aliás, a palavra família vem de *famulus*, uma expressão latina que quer dizer: escravos domésticos de um mesmo senhor. Ou seja: todos deviam obediência ao senhor patriarcal. Sua esposa e filhas também. Elas o chamavam de senhor meu marido; senhor meu pai. (MELLO, 2011, p. 3-4).

Desse modo, mostra-se evidentemente que a sociedade patriarcal é a construção da diferença entre homem e mulher, além de evidenciar essa visão moralista. Em que o homem pertence ao convívio social no âmbito público, já a mulher não tinha direito algum, os únicos deveres era cuidar dos afazeres domésticos e cuidar dos filhos, ou seja, a mulher não tinha poder algum de autonomia própria.

A imagem de mulher é construída na sociedade elitizada do século XIX, a partir de um modelo de mulher pura e mãe de família, a qual seria um núcleo fundamental da sociedade dentro da concepção burguesa. Sendo assim, Silva Lucia Ferreira ressalta:

[...] na construção de um modelo de mulher burguesa; na realidade, construíram três tipos de comportamento (modelo): a mulher-anjo, a mulher-sedução (ambas aceitas pela sociedade) e a terceira, a mulher-demônio, a excluída porque representava a mulher tentação (FERREIRA, 2002, p. 88).

Aquelas mulheres que não conjugavam as normas, as regras e comportamentos dessa sociedade patriarcal, e a mulher que não tinha o seu papel de mãe e esposa era considerada prostituta nesse período do século XIX, pois não estabeleciam os comportamentos pelos princípios da sociedade patriarcal, em ser uma mulher de família.

Sendo assim a igreja católica teve sua participação nessa construção de modelo de mulher frágil, dependente e submissa colocando sempre o homem superior à família e as suas próprias liberdades. Pois a igreja nesse período reforça os dogmas e as ideologias para assegurar a moral e o matrimônio, assim convencendo as mulheres a acreditar nessa submissão ao gênero masculino.

Embora esse período do século XIX ser marcado por essas relações patriarcais, existiu mulheres que pertenciam ao poder burguês e acabaram liderando família e negócios devido à ausência masculina, cuidando de patrimônio o que demonstrava uma contradição aos padrões estabelecidos pela sociedade, ou melhor, pelas relações patriarcais, as quais deixaram de ser submissa para e sim distribuídas por todos os grupos sociais, ultrapassando as tarefas imposta ao sexo feminino. “núcleo fundamental da sociedade dentro da concepção burguesa” (FERREIRA, 2002, p. 85)

Quanto às mulheres pobres, que não pertenciam a esse mundo burguês, as quais não eram donas de patrimônios. Assumiam seu papel de independência ganhando seu espaço na sociedade. Pois, eram mulheres analfabetas, chefes de famílias e viúvas, mas que lutavam por sua sobrevivência, através do artesanato e comercio ambulante.

Essas mulheres humildes financeiramente ocuparam seu espaço na sociedade, mas ao mesmo tempo passaram por muitas humilhações por não fazer parte dessa organização colonial vigente nesse período. Elas faziam parte de uma visão contrária dos papéis sociais femininos que estavam posto na sociedade, pelas classes dominantes.

Com a chegada da família real no Brasil no inicio do século XIX, ocorreram grandes mudanças no cotidiano do país, onde um grande processo de urbanização foi instaurado e as transformações políticas, econômicas e sociais começaram acontecer, pois o país deixava de ser colônia para se torna Império e depois República. Chegando estrangeiros e imigrantes ao Brasil para fazer negócios e até mesmo viver nesse lugar.

Nesse processo de mudanças no país, as mulheres que pertenciam à elite dominante, não se deixava ser submissa ao gênero masculino, não permitindo pertencer novamente àquela vida de antes, de somente estabelecer domínio sobre o espaço doméstico. Passando a

frequentar outros lugares como: igreja, festas e bailes aumentando seu convívio social e sua autonomia própria e garantindo seu espaço na sociedade. A vida das mulheres sofreu grandes transformações nessa mudança que ocorreu no país, porém elas não tinham ainda o direito de estudar.

A educação nessa época para as mulheres era apenas instruções para elas saberem as formas de se comporta nos eventos sociais, uma educação totalmente atrasada com relação à dos homens. Devido o modelo familiar admitir não ser de grande importância à educação da mulher, por elas sempre está á trabalho de casa e em cuidar dos filhos.

Não permitindo assim, que as mulheres apreendessem a ler e escrever, por acha algo inútil. Pois elas eram preparadas para o casamento, o qual deveria ser a maior inspiração delas. As mulheres foram mantidas alheias a elas mesmas, pois como não foram educadas como deviam ser a mulher não apresentava uma visão crítica da sociedade, deixando-se acreditar que as mudanças eram feita pelo poder masculino, o qual não permitia questionamentos.

Apesar dessas mudanças ocorrida no final do século XIX com a urbanização e seguida à industrialização as regras patriarcais sofreram algumas mudanças na organização da família. Onde os casamentos não eram, mas acertados e os filhos não casavam tão cedo, já as mulheres começavam a sair, mas de casa, aumentando seu convívio social.

Desse modo, a estrutura familiar foi sendo moldada de acordo com as mudanças que estavam acontecendo. Surgindo assim a necessidade de escolarização da mulher, mas destacando que elas permaneciam inferiores ao sexo masculino, pois o mesmo continuava sendo a autoridade sobre a família, onde esse conservadorismo imperava.

Nesse sentido, nosso esforço maior é compreender a importância dada à mulher na obra *Senhora* de José de Alencar. A qual manteve certa posição crítica ao denunciar a hipocrisia e a corrupção da alta sociedade brasileira, através de um enredo composto geralmente de intrigas complicadas, com vários imprevistos, deixando o leitor em suspense até que, no final tudo se esclarecia. Para Douglas Tufano:

Este título abarca as narrativas que têm como tema situações e problemas do Rio de Janeiro, a cidade da Corte. A variedade dos tipos humanos, as novas situações que surgiam numa cidade que abrigava a “sociedade” do Brasil, problemas morais e sociais decorrentes do crescimento do Rio de Janeiro, tudo isso serviu de temática para os nossos romancistas, dentre os quais se destacam José de Alencar com: *Senhora* (TUFANO, 1982, p. 68).

Mostrar-se a vida, os costumes que permeavam o universo feminino da sociedade do século XIX através do romance, evidenciando as contradições que se estabeleceram na época e faziam dessas mulheres um ser social, articulando-se ao meio da qual faz parte. Onde as transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher.

2. A OBRA SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR

2.1 O caráter de Aurélia no romance.

Aurélia, e sua imagem de mulher construída no romance *Senhora*, apresenta o seu caráter com relação às mazelas de uma sociedade patriarcal e burguesa que prevalecia nos meados do século XIX, dentro de um contexto familiar e social. Segundo Alfredo Bosi:

Alencar, cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e do longínquo. É sempre com menos cabo ou surda irritação que olha o presente, o progresso, ‘a vida em sociedade’; e quando se detém no juízo da civilização, é para deplorar a pouquidade das relações cortesãs, sujeitas ao Moloc do dinheiro. Daí o mordente de suas melhores páginas dedicadas aos costumes burgueses em ‘Senhora’ (BOSI, 1999, p. 137).

Dessa forma, a construção literária do romance *Senhora* José de Alencar, exhibe as dificuldades sofridas pelas mulheres do período do século XIX, ao estabelecer relacionamentos com homens de classe social distinta.

Esse romance trouxe a trama jogos e interesses econômicos, mas desconstruiu a ideia de interesse por si só. Em outras palavras, buscou construir o predomínio do indivíduo sobre as motivações materiais e sociais da época, com a valorização do sentimento e da própria mulher enquanto realizadora de seus próprios desejos.

Constrói-se já de início a personagem Aurélia como uma moça de extrema beleza, conforme os moldes da sociedade vigente:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento da sua ascensão ninguém lhe disputou o centro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. [...] Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro. (ALENCAR, 2004, p.7)

Nesse contexto, a personagem Aurélia é construída como uma mulher bela e pura aos olhos da sociedade, a qual era desejada pelos homens tendo sempre sua beleza estampada aos olhos das pessoas. Apresentando o surgimento dessa bela e jovem moça a sociedade

fluminense do século XIX.

Nota-se, que se atribui à Aurélia todas às qualidades de um ser divino. Ela é rainha, deusa, musa, rica, formosa, enfim, um ídolo para seus admiradores. É totalmente diferente das mulheres da sociedade, pois a personagem têm as características e qualidades marcante tais como: a determinação, a destreza, e a sensibilidade sedutora a qual envolvia seus admiradores, por onde passava.

Essa mulher de valor extraordinário nos faz pensar que quando se tem dinheiro tudo, absolutamente tudo, é possível. Todavia, a personagem Aurélia além da procura incessante pelo homem amado, transgride as regras da época e abre novos caminhos para as futuras gerações femininas.

A mocinha de apenas dezoito anos, órfã, vivendo na companhia de uma velha parenta e seu tutor, mostra ser uma mulher corajosa, forte, decidida e destemida no que diz respeito à direção de seu próprio caminho. Nesse contexto Massud Moisés afirma:

[...] Aurélia, heroína [...] exemplifica a perfeição esse duelo de interesse e sentimentos, numa trama em que o dinheiro atribui à mulher o direito não só de tirar alguma nódoa do passado, como nivelar-se ao homem amado; e a este, render-se à evidência dos fatos e tornar-se merecedor, por meio da recuperação moral (a compra, pelo dinheiro, de sua liberdade), da mulher amada (MOISÉS, 1985, p. 91).

Pois, além do dinheiro, Aurélia possuía autonomia, indignação e inteligência, o que fazia com que a sua figura fosse interessante aos olhos da sociedade. Dessa forma a jovem menina recebia muitas críticas quanto aos seus padrões de comportamento. Devido demonstra seus anseios por libertação, tendo uma postura diferente em relação à mulher da do século XIX. Onde mesmo vivendo em uma sociedade patriarcal, ela rompe com preconceitos e tabus, reafirmando sua independência, mesmo vivendo nesse período observem:

Sou senhora de mim, e pretendo gozar da minha independência sem outras restrições, além do meu capricho. Foi o único bem que me ficou do naufrágio de minha vida; este ao menos hei de defendê-lo contra o mundo (ALENCAR, 2004, p. 204).

Pode-se notar que a personagem, é decidida, adota seus próprios métodos para viver sua própria vida, de uma maneira independente, sempre, preocupada em mostrar sua superioridade financeira, mas buscando realizar seus sonhos. A qual se constrói como uma personagem capaz de romper com os limites determinados para com o da época e atingir a busca da sua independência individual. Conforme afirma Alfredo Bosi:

Mulher inteligente, num tempo em que a inteligência era vista como um atributo masculino, Aurélia tinha pensamento analítico e princípios religiosos, e desprezava a sociedade corrompida, que combatia em nome dos “sentimentos nobres”. Era ligada aos valores morais, mas abandonava algumas convenções, como o exigido “recato feminino”. Despojada, com um comportamento visto como um dos “efeitos da emancipação das mulheres”, uma “inversão” que os costumes vinham sofrendo, ela rompia com os modelos femininos tradicionais, lutando pela “desafronta de seu amor ludibriado”, puro e inocente, e indo contra o “homem que a traficava”, em vez de aceitá-lo, como as outras mulheres. (BOSI, 2004, p.24)

Com tudo isso, pode-se observar que Aurélia além de ser uma mulher forte, dominadora, bonita e inteligente é também decidida e segura nas suas próprias atitudes, o que nos dá o perfil de uma mulher especial, ela sempre tinha um propósito para sua vida “(...) a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse” (ALENCAR, 2004, p 67)

Sendo assim, uma das características dessa personagem é quando ela toma frente aos negócios, deixando evidente seu caráter de mulher diante das mazelas sofridas pela sociedade burguesa. Permitindo-nos imaginar como era a vida de uma mulher pobre nessa sociedade nesse período:

Aurélia é quem suportava todo o peso da casa. Sua mãe, abatida pela desgraça e tolhida pela moléstia, muito fazia, evitando por todos os modos tornar-se pesada e incômoda à filha. Envolvera-se ainda em vida em uma mortalha de resignação, que lhe dispensava o médico, a enfermeira e a botica [...] Os arranjos domésticos, mais escassos na casa de pobre, porém de outro lado mais difíceis, o cuidado da roupa, a conta das compras diárias, as contas do Emílio e outros misteres, tomavam-lhe uma parte do dia; a outra ia se em trabalhos de costura (ALENCAR, 2004, p. 77- 78).

Através da personagem podemos perceber as necessidades sofridas por ela bem antes de conseguir uma grande fortuna, necessidades essas que as mulheres pobres da sociedade do século XIX sofriam, mas que o autor José de Alencar apresenta em sua personagem Aurélia, a construção de um caráter real, puro, simples e honesto pelo meio social em que vivia, onde a mesma reagiu a essas dificuldades e conseguiu alcançar a independência:

A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam. O que o irmão não conseguia em meses de prática, foi para ela estudo de uma semana. (ALENCAR, 2004, p. 77).

Ela retrata um valor inquestionável a realidade de seu tempo, principalmente a conduta feminina, a aristocracia machista em uma sociedade sem escrúpulos, movido pela ganância, onde sempre o sexo masculino tinha sua autoridade perante a sociedade.

A partir dessa visão, de desprender a personagem Aurélia do mundo fictício para a realidade, o autor Alencar, reproduziu de maneira sucinta e diferenciada, a evolução das conquistas femininas. Apresenta-a através de sua persistência, onde apesar de seu sofrimento pela perda de seu amor que lhe foi roubado, Aurélia luta para reconquistá-lo, e conseguiu qualquer coisa que almeja independentemente do preço a ser pago. “É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como cem contos de réis, mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia não me contento com este.” (ALENCAR, 2004, p 9)

Observa-se que a jovem moça era uma mulher além de sua época, pois perde das mulheres do século XIX a fragilidade, o recato e a prevalência do emocional sobre o racional, ou seja, ultrapassa o estado de completa submissão.

Contrapondo-se a todas essas características, José de Alencar cria uma personagem atípica com forças para lutar por seus objetivos. Dotada de uma grande inteligência, a personagem tinha o perfil diferente do esperado para uma mulher do seu tempo.

Apesar de sua imensa e adorada formosura, ela não conquista o amado, então usa do único artifício, que naquele momento lhe era infalível para o meio social, o tão afamado dinheiro. Apresenta desse modo uma sociedade interesseira, onde expõe a imagem do homem sem escrúpulos, que se vende e mais tarde busca pela honra.

Torna-se então Aurélia uma mulher desesperada e vingativa, de um caráter completamente diferente do que era antes. Pois, ela passa a lutar para conseguir o tão merecido mérito que seria seu amado. Onde a personagem precisou adentrar em uma sociedade que valoriza mais a aparência e o dinheiro que os sentimentos humanos. Uma sociedade em que o dinheiro tinha sempre o poder sobre tudo e sobre todos:

Vendido sim: não tem outro nome, sou rica muito rica, sou milionária precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado, comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato, não se fez vale. Eu daria o dobro, o triplo toda a minha riqueza por este momento. (ALENCAR, 2004, p 210)

Com esta atitude Aurélia, transgredi a relação do casamento perfeito, pois compra, de fato, o marido. Independentemente do que a sociedade achava ou pensava a respeito do seu comportamento, sem se importar com as críticas e as infâmias, ela aproveitou da situação decadentemente financeira da pessoa amada, para conquistá-lo.

Dessa forma observa-se que personagem pode ser também, uma rival masculina, não tão somente nos negócios, mas na busca de seus ideais. Porém, a sociedade em geral do século XIX, possuía suas restrições com a figura feminina, mas não houve limitações que impedisse Aurélia de seguir em frente.

Apesar da época, a personagem foi dona de si em todas as suas ações, mostrou-se superior aos homens e até mesmo maltratando, um deles. Proporciona a necessidade de se avaliarem seu caráter, suas qualidades e até defeitos, mas nunca pelo dinheiro, ou seja, ela abriu novas visões para as mulheres através de suas atitudes em solucionar suas vontades. Nesse contexto, percebe-se que o autor José de Alencar traça um desfecho para a personagem Aurélia. Como afirma Lúcia Silva Ferreira:

[...] nossa heroína enquanto se reveste da postura masculina, sendo senhora, impregna-se de impureza e para sua purificação foi designada a se redimir e pedir perdão, postulando a “sublimação heroica da paixão” do século XIX, que funcionava como uma ideologia de regulamentação de comportamento social (FERREIRA, 2002, p. 23).

Desse modo, fica evidente que o autor ao mesmo tempo em que faz de sua personagem Aurélia uma mulher frente há seu tempo, mostra como se redime através do amor que a personagem devota ao seu amado, confessando a ele seu único e verdadeiro sentimento amoroso. “Pois bem, agora me ajoelho eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te.” (ALENCAR, 2004, p. 214).

Pode-se observar que diante de todas as mudanças de comportamentos que a personagem passou durante o romance. Nota-se que ela continua com seu caráter de mulher, a qual busca por um amor que nunca deixou de amar, a qual faria e largaria de tudo pra tê-lo de volta. Uma mulher que não se importa com o dinheiro, somente em ser feliz.

Pois Aurélia acredita no amor verdadeiro e no sentimento humano, os quais levariam a felicidade. Ela mantém uma visão diferente da sociedade, pois a mesma apesar de comprar seu marido, não via o amor por interesse, queria apenas o desejo de amar e ser amada, ou seja, mantinha seu caráter de mulher em busca da sua própria felicidade. Mostrando seu caráter em reconhecer seus erros e pedir perdão ao amado.

Desse modo, ela definitivamente revolucionou a maneira do sexo feminino de se comportar perante a sociedade machista, apresentando uma nova visão de pensar sobre o futuro. Mostrando atitude e agindo onde pelo benefício do amor. Onde Aurélia buscar um rumo da própria vida de maneira independente, nunca desistindo de conseguir seus ideais, mesmo com uma sociedade burguesa a qual estava inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enredo deste romance apresentou características definidas de forma romântica, mas que já traduz a uma temática realista à crítica ao casamento e a uma sociedade burguesa, completamente capitalista. Onde a personagem Aurélia se encontra dividida entre a razão e a emoção.

Observa-se que o autor contribuiu de forma significativa para o Romantismo no Brasil, expressando em seu romance a figura de mulher dentro de uma sociedade patriarcal, a qual tinha regras e comportamentos que deviam ser seguidos. Esta obra retrata como nenhuma outra a evolução feminina, e as relações humanas e seus conflitos da época no contexto social.

Mostra uma sociedade mascarada, onde as moças deveriam ter um comportamento regido às normas da boa conduta impostas pela meio social, para não causar má impressão. E através da personagem Aurélia o autor tenta apresenta, a mulher com um novo posicionamento dentro do contexto social. Produzindo mais utilidade, brilho e poder ao sexo feminino.

O qual busca através da personagem Aurélia Camargo sempre sua independência, nunca deixando de impor seu caráter diante das mazelas que a sociedade oferecia. Como de ser interesseira, e não estabelecer as mesmas oportunidades dos homens para as mulheres.

Pois, a questão posta era afirmar que às mulheres não se podia consentir a plena liberdade autonomia sobre as suas vidas. Essa era uma questão fundamental para a época, uma sociedade escravista, elitista e conservadora. E que Aurélia teve a função de reafirmar o status dessa classe dominante, demonstrando que a sociedade da época ainda não estava pronta para absorver as modernizações exigidas pelo capitalismo.

Desse modo a obra aproxima-se o mais perto possível da realidade, evidenciando as características humanas. Proporcionando que sentisse amor, raiva, ódio, paixão e todas as sensações boas e ruins próprias dos seres humanos. Ou seja, Aurélia, enquanto personagem de um romance apresenta ser uma mulher com um caráter pensante, ousada e completamente esférica, tal qual o ser humano.

Dessa forma ela é evidenciada como uma mulher à frente de seu tempo, e com sua riqueza, exalava autonomia frente à sociedade por ser uma mulher de uma educação refinada. Nessa perspectiva, o trabalho permitiu percorrer a trajetória da personagem Aurélia no interior da sociedade patriarcal e trazendo assim elementos sobre sua condição vinculada ao desenvolvimento social que permeou a sociedade brasileira no século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALENCAR, José. de. **Senhora**. 1º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.

FERREIRA, Silvia Lucia. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

MOISÉS, Massud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MELLO, Saulo Álvaro de. **Da educação patriarcal às escolas mistas**. Interfaces da Educação. Paranaíba, v.2, n.5, p.32-49, 2011.

PINHEIRO, Juliana Locatelli M. **Madame D'Épinay e Rousseau: um debate filosófico sobre a educação feminina**. Universidade Federal do Paraná – 2009.

TUFANO, Douglas. **Estudos da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: ED Moderna, 1982.